

Os dons do hipertexto

Carla Viana Coscarelli

Neste artigo procuramos tecer considerações sobre alguns dos rótulos dados ao hipertexto, tentando ponderar até que ponto é realmente digno deles. Uma vez que o conceito de hipertexto e sua apropriação pelos meios digitais são muito recentes para que sua influência na leitura e produção de textos seja claramente compreendida, esse artigo não poderia ser mais que um exercício de reflexão que visa provocar discussões sobre esse assunto, para que possamos um dia chegar a algumas conclusões.

In this paper we intent to make comments on labels that are given to hypertext, in order to think about to which extent those labels are fair. Since the concept of hypertext and its appropriation by the digital media are not mature enough to have its influence in reading and writing texts clearly comprehended, this paper could not be more than an exercise of reflection that aims to stimulate discussions on this subject, so that we can someday be able to get to some conclusion about it.

A noção de hipertexto tem provocado muitas discussões a respeito da leitura e da produção de textos, bem como da caracterização de textos, dos fatores de textualidade, entre outros. Acreditamos que, muitas vezes, essas discussões são acompanhadas de uma dose de exagero sobre as mudanças que o formato hipertextual pode acarretar nas atividades do leitor e do escritor. Sair do papel e ir para uma página digital vai modificar a forma de navegação naquele texto, mas nem sempre essa mudança é tão radical assim, por pelo menos dois motivos: um deles é que nenhum texto é linear e o segundo é que nenhuma leitura é linear.

Hipertexto: “é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular”. (Lévy,1993:33).

Nenhum texto é linear

Não podemos acreditar na linearidade de um texto apenas porque as palavras se apresentam no papel uma após a outra¹. Sabemos que existem inúmeras marcas no texto de sinalizam a hierarquia das idéias apresentadas, como títulos e subtítulos, tamanho, cor e/ou formato das fontes, recursos de topicalização, os mecanismos de continuidade (coesão referencial, temporal e espacial, cf. Pinto, 2003) e itens lexicais que marcam o grau de relevância de determinadas partes do texto ou a organização dele, entre outros.

O texto, visto como produto de uma atividade de escrita, apresenta elementos que nos permitem negar a visão de linearidade e dizer, lançando mão das idéias de Sperber e Wilson (1986/1995), que há marcas ostensivas do grau de relevância dos dados que apresenta ao leitor para serem transformados em sentido.

Teóricos da lingüística textual, como van Dijk, por exemplo, endossam a não-linearidade do texto quando defendem que para construir uma representação semântica do texto o leitor conta, entre outros dados, com elementos estruturais como o *status* de tópico ou com, por exemplo, sinalizações da estrutura temporal dos eventos do texto.

Muitas outras teorias poderiam ser citadas aqui, uma vez que é difícil negar o papel da forma do texto na construção do significado. Isso não significa dizer que o significado é construído única e imediatamente a partir da forma, mas significa dizer que a forma desempenha papel importante na atividade de leitura, como elemento que ajuda a orientar ou encaminhar o trabalho do leitor. (Não fosse assim, não haveria por que o autor trabalhar o texto, fazendo escolhas de toda ordem e natureza, para provocar o efeito pretendido no leitor. “Se cada leitor vai entender o que quer, para que vou me preocupar com minhas escolhas lingüísticas?”. Não vamos passar para o outro extremo dizendo que o sentido está no texto.) Entre essas teorias, vamos mencionar brevemente o sociointeracionismo discursivo, como defendido por Bronckart (1997), e uma abordagem cognitiva da leitura, como proposta por Fauconnier e Turner (2002).

Bronckart (1997) defende o papel dos elementos do texto quando argumenta a favor dos gêneros e arquétipos discursivos, e busca levantar os elementos lingüísticos

¹ Trataremos em especial do texto escrito uma vez que nosso interesse primeiro gira em torno da leitura e não de processos de compreensão em geral. Trata-se de um recorte metodológico.

predominantes ou característicos de cada um deles. Focaliza as operações languageiras que resultam em unidades lingüísticas organizadas nos textos.

Fauconnier e Turner (2002) defendem o papel dos elementos do texto na construção do sentido, dizendo que o texto apresenta expressões lingüísticas apropriadas que vão sinalizar para o leitor os espaços mentais que deverá construir e em que espaço as informações devem ser construídas, integradas e avaliadas. Esses autores apresentam uma lista de elementos a que chamam de construtores de espaços, que são formas lingüísticas ativadoras do processo de referenciação.

- | |
|---|
| <p>Exemplos de construtores de espaços:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ instauração da “situação default”;▪ uso de verbos “dicendi”; (ou não dicendi usado como dicendi. Ex.: lamentar – <i>Lamento</i> que ele não tenha vindo)▪ uso de deverbais de nomes que têm no léxico um correlato de origem verbal (Ex: <u>comentário-comentar, desabafo-desabafar</u>);▪ uso de parênteses, aspas e travessão▪ uso de advérbios de lugar e de tempo (Ex. Em 1993,... – Na casa da minha avó,...)▪ SN sujeito + verbos epistêmicos (Ex: Maria <i>acredita</i> que Pedro é o criminoso)▪ construções condicionais, etc (Ex.: Se eu fosse o Presidente ...) |
|---|

Além disso, seguindo a trilha indicada por Bakhtin (1979/1992), quando nos diz que nenhum autor é um Adão bíblico e que, sendo assim, os textos sempre fazem referência a outros textos, acreditamos que a intertextualidade é mais um traço indicativo da não-linearidade dos textos.

Em suma, podemos dizer que todo texto lida, inegavelmente, com uma pluralidade de dimensões, entre as quais podemos citar a lexical, a morfossintática, a semântica e a textual. Mas sabemos que os textos não se caracterizam apenas pelos seus elementos formais, ou seja, é preciso considerar os participantes do discurso e suas intenções comunicativas, bem com a situação de comunicação, somando ao enunciado os elementos da enunciação, trazendo assim à baila pelo menos mais duas dimensões: a pragmática e a discursiva. Nos aproximamos então da leitura, situação em que essas últimas dimensões se fazem mais visivelmente presentes.

Nenhuma leitura é linear

É normal, antes da leitura, o leitor passar os olhos sobre o texto, folhear o material, reconhecer as partes que o compõem e a forma de organização do texto,

selecionar as partes que mais interessam, entre outras estratégias nada lineares de exploração do objeto da leitura.

Na década de 70, Frank Smith já descrevia os movimentos sacádicos dos olhos do leitor durante a leitura, mostrando que não lemos palavra por palavra. Muitos estudos que, com o avanço das tecnologias puderam ser feitos, monitoravam o movimento do olhar dos leitores revelando o movimento não-linear dos olhos que, durante a leitura, focalizam diversas partes do texto, percorrem muitos caminhos e perseguem diversas rotas nas releituras de trechos do texto, na busca de antecedentes de elementos anafóricos para a construção da cadeira referencial, na procura de algum detalhe perdido ou mal compreendido, entre muitas outras razões que levam o leitor a (ou o impedem de) fazer uma leitura linear dos textos.

A leitura não deixa de ser linear apenas no que concerne ao movimento do olhar. Ela deixa de ser linear, sobretudo, se pensarmos nas operações cognitivas envolvidas na compreensão de textos escritos. Toda leitura envolve colocar em prática diversas habilidades cognitivas que refletem o funcionamento de vários domínios de processamento. Ler não é realizar uma ou outra habilidade, mas um conjunto delas, que juntas resultam na construção de sentido(s).

Na construção dos significados, o leitor precisa realizar algumas operações como: identificar, a partir da análise do suporte e da superestrutura, o gênero discursivo em questão, além de reconhecer e perceber como se articulam as seqüências tipológicas que compõem o texto; reconhecer as escolhas lexicais e de expressões usadas no texto, estabelecendo relações sintáticas e semânticas, construindo a coerência local que se realiza, dentre outros modos, nas marcas lingüísticas que sinalizam as relações temporais, espaciais e referenciais que vão servir de base à construção global do sentido e que vão ajudar o leitor a perceber a organização macroproposicional no texto, ou seja, a recuperar idéias propostas em cada parte do texto, estabelecendo relações lógico-discursivas sinalizadas ou dedutíveis e ir construindo com elas um sentido global, recuperando as prováveis intenções comunicativas do autor.

Tudo isso é feito debaixo das asas da situação de comunicação, do contexto comunicativo, trazendo à baila conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos de leitura que, por sua vez, encaminham a leitura, a construção de sentido.

Por envolver tantas operações e por fazer parte de diferentes situações de comunicação – cada leitor lê o texto em uma situação particular, tem objetivos e interesses particulares e traz consigo uma experiência pessoal, que podem ter pontos semelhantes aos de outros sujeitos - toda leitura será sempre única, inigualável. Voltamos a Bakhtin (1979/1992), na sua argumentação a respeito da diferença entre oração e enunciado, trazendo como alguns argumentos a conclusibilidade, o direcionamento e a responsividade dos enunciados, bem como sua singularidade; nas palavras do autor: “cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido” (p. 310).

Bakhtin também defende o caráter hipertextual quando diz repetidamente em seu texto que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” acrescentando ainda que ele “não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (p. 300). Manifesta-se, nesse trecho, a visão de que o texto (enunciado) está inserido numa multiplicidade de planos e conexões que não podem deixar de ser consideradas.

Podemos acrescentar ainda a essa lista de fatores que fazem de toda leitura um ato particular e individual, e, portanto, único, os elementos que o leitor ativa para aquela leitura em particular e que possibilitam (ou inibem) as conexões que ele fez e as relações que estabelece entre o texto e suas experiências na construção do sentido (integração).

Em suma, podemos dizer que a leitura lida inevitavelmente com muitos domínios cognitivos que devem se articular para viabilizar a construção dos sentidos do texto. Esses domínios vão contribuir para a construção de cadeias referencias, para a produção de muitos tipos de inferências, para a construção da globalidade do texto e para a recuperação de inúmeros efeitos de sentido e intenções comunicativas. Por ser uma operação particular, que envolve a ativação e articulação de inúmeras informações

advindas de diferentes fontes é que acreditamos e defendemos que a leitura de qualquer texto é, por natureza, hipertextual.

Os rótulos do hipertexto

O hipertexto digital tem recebido rótulos como o de revolucionário, subversivo, inovador, mas muitas vezes com um certo exagero, e com base em argumentos que merecem maior reflexão. É isso que será discutido pensar nessa seção, apontando-se algumas dessas rotulações dadas ao hipertexto e fazendo ponderações sobre elas.

“o hipertexto digital é um documento composto por nós conectados por vários *links*. Os nós são unidades de informação, como textos verbais ou imagens, por exemplo, e os *links* são conexões entre esses nós.” (Coscarelli. 2002)

Na comparação entre textos impressos e digitais, uma das características aplicadas ao hipertexto em contraposição ao texto impresso é a falta de **linearidade**. Dizer que o hipertexto rompe com a linearidade é acreditar que há uma linearidade no texto impresso, o que, como procurei mostrar nas seções anteriores, não é uma verdade.

O hipertexto eletrônico é uma nova interface para os textos e tem particularidades na sua navegação como clicar nos hiperlinks, arrastar barras de rolagem, entre outros, assim como cada suporte e cada gênero textual têm sua forma de navegação própria, pois não se lê um romance da mesma forma como se consulta um dicionário, não se lê uma receita culinária da mesma forma como se lêem notícias num jornal, que por sua vez difere da leitura de um livro de poemas. Essas diferenças na navegação, ou seja, na forma de lidar com o texto também variam de acordo com o objetivo da leitura.

O texto impresso não impõe tantos limites assim à nossa leitura. Não há caminhos proibidos no texto impresso dos quais devemos nos libertar e não há liberdade absoluta nos hipertextos. O modo de leitura tradicional de um livro (teoricamente de cima para baixo, da direita para a esquerda, seguindo a numeração das páginas) já foi burlado pela literatura moderna e pela imprensa, pelas revistas, pelos jornais, pelos anúncios como os

outdoors, panfletos e malas diretas, em que a leitura pode ter início em várias partes do texto e não ter necessariamente uma seqüência a ser seguida.

Como afirma D.S². (Ramal, 2002:174), sobre a maior flexibilidade na leitura nas aplicações hipermídia, não há nisso nenhuma novidade, pois não existe uma leitura única de nenhum texto. Uma vez que as

pessoas não são iguais, as leituras também não o são. A forma linear de apresentação de um texto não garante que todo mundo vai ler e entender a mesma coisa. Ainda de acordo com ele, o hipertexto “potencializa uma característica que já era própria de todo discurso” (Ramal, 2002:175), ou seja, o texto linear nunca existiu. O

A rede de textos do universo digital, sobretudo na Internet, dá acesso mais fácil e mais rápido aos textos, mas devemos pensar que dessa rede também fazem parte materiais impressos. O universo digital não exclui o impresso, mas enriquece-o. Os textos impressos em si formam uma rede. Ao ler um livro, podemos consultar um dicionário, outros livros e matérias (impressos ou não). O texto impresso não é isolado, ele faz parte de um conjunto imenso de outros textos que podem ser “co-lidos”. Há, no entanto, em muitos casos mais rapidez de acesso no caso de textos inseridos nas redes digitais.

que temos hoje com a informática é uma forma de ler e produzir textos mais próxima daquela que usamos mentalmente para processar as informações, ou seja, para pensar.

“Em outras palavras, isso significa que, na compreensão, o leitor, ao seguir as marcas textuais inscritas, executa *movimentos lineares* que parecem obedecer a uma restrição material da própria língua, já que uma palavra vem depois da outra, uma frase vem depois de outra, os parágrafos também se sucedem. Simultaneamente, porém, o leitor executa outros *movimentos não-lineares* porque cada palavra, cada frase, cada parágrafo pode funcionar apenas como uma *instrução* que vai acionar outras informações que já faziam parte de seu conhecimento de mundo. Nada garante, também, que, ao percorrer o texto com os olhos, o leitor estará executando movimentos lineares. Ele pode, por exemplo, ler o título e a seguir passar às notas de rodapé. Assim, de uma linearidade inicial passa-se à integração de múltiplos movimentos não-lineares. É o conjunto desses movimentos que permite perceber que, ao se tecer uma rede de significações no discurso (ou os modelos mentais), a linearidade marcada pela ordem das palavras e sentenças é apenas aparente, pois a ela subjaz uma estrutura hierárquica (as proposições, cf. van Dijk, 1992:27) que revela uma organização espacial, causal, condicional, temporal dos fatos denotados pelo discurso.” (Cafiero, 2002)

Se considerarmos que o leitor constrói uma hierarquia das informações do texto, na representação dele - representação essa feita com base nos seus interesses, nos seus

² Siglas foram usadas por Ramal para identificar os participantes de sua pesquisa.

objetivos para aquela leitura e nas marcas e saliências apresentadas pelo texto - não podemos considerar que o hipertexto se diferencie do texto impresso por ser esse linear e o outro não.

E.M. (Ramal, 2002:173) defende que nossa cabeça vem livre “de fábrica”. Vem livre e temos, de natureza, a capacidade de relacionar, generalizar, tirar conclusões, comparar, processar informações advindas de diferentes fontes e linguagens. *Linkamos* o tempo todo. Na nossa língua temos, por exemplo, muitas formas de marcar esses links de um assunto para o outro: “e por falar nisso”, “já que você tocou nesse assunto”, “essa conversa (cheiro / som / luz / cor) está me lembrando de...”; ou de falar que estamos sugerindo outros centros para a conversa: “mudando completamente de assunto”, “mudando da água pra o vinho”, “antes que eu me esqueça”, entre inúmeras outras.

Devemos lembrar que *links*, como qualquer outra forma verbal, não carregam sentido. A criação de links é uma operação feita em qualquer atividade mental, ou seja, é básica em qualquer processamento cognitivo. Nossa mente funciona ‘linkando’, relacionando informações construídas àquelas ainda em construção, dados adquiridos a outros que estão sendo percebidos (seja por que estímulo for), num processo contínuo de construção de relações. O sentido, portanto, não é algo que está pronto e acabado em algum lugar, esperando para ser resgatado. Ele é construído e modificado ou reavaliado a todo instante. Links não carregam sentido, mas indicam um caminho para a construção deles.

O leitor do hipertexto tem sido considerado **co-autor**, porque ele poderia interferir no texto e teria mais liberdade de escolha no seu percurso de leitura do que o leitor do texto impresso. A intervenção do leitor no hipertexto também não é diferente daquelas do texto impresso. A possibilidade da “criação de notas, comentário e desenhos no corpo do texto” (Ramal, 2002:172) sempre existiu.

Wikipédia, uma enciclopédia digital livre e gratuita disponível na Internet.

Mas o leitor geralmente não pode interferir no hipertexto, assim como não pode interferir no texto impresso, ou seja, a interferência do leitor em um hipertexto como um

site, por exemplo, é limitada aos lugares em que lhe é dada autorização para enviar seus dados, comentários e sugestões, mas o usuário não tem a liberdade de modificar o hipertexto conforme suas vontades. Mesmo a Wikipédia limita a ação dos colaboradores, que podem acrescentar verbetes, bem como modificar verbetes já existentes, mas precisam respeitar regras.

Muitos materiais impressos, por sua vez, estimulam a participação do leitor aceitando pedidos e sugestões, publicando cartas, respondendo a perguntas, entre outras formas de interação com o leitor, transformando-o, em certa medida, também em autor.

A co-autoria também costuma ser justificada pela liberdade de navegação que o hipertexto dá ao leitor, em oposição ao texto impresso em que o percurso de leitura seria determinado pelo texto. O percurso feito por um leitor no hipertexto não é assim tão imprevisível e tão livre, da mesma forma que não é tão previsível e tão limitada assim no texto impresso. Não podemos afirmar que na leitura de hipertextos os percursos nunca se repetem. Um site de banco é hipertextual, e normalmente fazemos percursos muito semelhantes quando navegamos nele, porque o site não nos oferece tantas formas assim de navegação. Navegamos nos links que o site nos oferece e da forma como ele autoriza.

- 1 Coisas que nunca devem ser feitas na Wikipédia
- 1.1 Nunca copie para a Wikipédia material de outras fontes
- 1.2 Não mude da norma brasileira para a portuguesa ou vice-versa
- 1.3 Não apague: corrija e acrescente
- 1.4 Nunca faça proselitismo
- 1.5 Não faça experiências nas páginas normais
- 1.6 Não faça publicidade
- 1.7 Não crie páginas de opinião
- 1.8 Não crie entradas de dicionário
- 1.9 Não assine os seus textos
- 1.10 Não carregue imagens sem informação mínima
- 2 Não escreva artigos usando apenas letras maiúsculas
- 3 Não escreva em "internetês" e evite gírias
- 4 Cuidado ao alterar páginas de usuários
- 5 Vocabulário
 - Não insulte
 - Não agrida
 - Não use palavras de baixo calão
 - Não faça apologias
 - Não use gírias

http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Coisas_a_n%C3%A3o_fazer#Cuidado_ao_alterar_p%C3%A1ginas_de_usu%C3%A1rios

A forma de navegação no hipertexto, bem como a imprevisibilidade do percurso, é a mesma dos textos impressos: algumas leituras têm o roteiro mais previsível ao passo que outras são muito imprevisíveis.

Ao hipertexto digital também tem sido dada a característica de **romper com a forma**, incorporando outras linguagem como o som e as imagens. O hipertexto realmente amplia os recursos do texto, possibilitando acesso rápido e direto aos links; além disso, possibilita uma exploração mais sofisticada ou variada dos sons nos textos. O que não se pode afirmar é que, com o advento do hipertexto digital, o vínculo entre a palavra escrita e as ilustrações aumentou. Se considerarmos os romances tradicionais para adultos, podemos concordar com isso, mas se considerarmos outros que fogem um pouco do tradicional, além de jornais, revistas, textos publicitários, livros de receitas, manuais, livros infantis, quadrinhos, horóscopos, menus, entre tantos outros, vemos que a imagem faz e sempre fez parte de nossos textos.



É certo que a hipermídia pode contar com a presença dos sons e da animação, coisa que o texto impresso normalmente não conta (livros infantis, como a coleção da Ninoca, por exemplo, contam com recursos que tornam os livros animados e outros contam com botões sonoros que podem ser acionados no decorrer da história), mas a imagem sempre fez parte do texto impresso (vide revistas, jornais, muitos livros de literatura infantil e juvenil, enciclopédias, atlas, entre outros).

Não questionamos a navegabilidade do hipertexto, e que o acesso direto ao texto linkado pode tornar diferente o trabalho do autor, que tem mais dificuldade de prever o roteiro que o leitor vai cursar, mas o texto linear também sempre pôde ser lido “hipertextualmente” no sentido de que o leitor poderia começar por uma parte que não fosse aquela marcada para ser o início da leitura, poderia saltar partes do texto que poderiam variar de palavras a trechos maiores, poderia usar os índices para ir diretamente ao ponto de interesse, poderia ir e voltar do texto às notas de rodapé ou de final de

capítulo ou do texto às referências bibliográficas, etc. Sem falar nas pausas para o café quando muitas idéias (mais ou menos relacionadas com o tema da leitura) virão à tona, e nos inevitáveis devaneios, entre muitos outros fatores que podem interromper ou desviar a leitura, criando e atualizando “links”.

É interessante notar que podemos folhear o hipertexto da mesma forma como fazemos com outros materiais impressos, passando rapidamente pelos diversos links e voltando mais a atenção para aqueles trechos de maior interesse para nós. É comum hoje os sites apresentarem seus mapas – índices –, a fim de facilitar o trabalho de navegação.

O hipertexto também já foi considerado como uma ruptura do **monologismo**, por ser uma reunião de várias vozes, por não ser um texto isolado e por contar com a participação do leitor como condição de sua existência. No entanto, se todo texto é um ato comunicativo, social e historicamente construído, não podemos dizer que há texto monológico. Os textos são sempre dialógicos e polifônicos, ou seja, não há texto produzido sem que um interlocutor seja, pelo menos, imaginado, e sem que outras vozes e outras mãos façam parte dele. Textos não são nunca isolados e monológicos. São sempre um conjunto de “*nós* de um complexo diálogo” (Ramal, 2002:171) em que a participação do leitor é sempre imprescindível para que esse diálogo se realize, se atualize.

Também precisamos refletir sobre as mudanças que o hipertexto pode trazer no que concerne às condições de espaço e tempo que no texto impresso poderiam ser tidas como diferentes daquelas encontradas no texto oral. O texto oral tem como característica a co-presença dos interlocutores no espaço e a simultaneidade no tempo ao passo que na escrita pode haver diferentes espaços e tempos na produção e na recepção do texto.

Depois da invenção do telefone, no entanto, não podemos mais considerar que a oralidade é presencial, uma vez que os interlocutores se encontram em diferentes espaços. A Internet possibilitou que a escrita também fosse presencial. Temos dúvidas de que a escrita na Internet, em chats e e-mails principalmente, sejam realmente uma mescla de elementos da oralidade e da escrita. Os e-mails, por mais informais que sejam, são escritos. E os chats têm uma forma típica também escrita. Alguns recursos são usados para facilitar e agilizar a digitação (vc, blz) ou para minimizar problemas de

incompatibilidade entre máquinas (naum), mas é um texto escrito, com as peculiaridades características do gênero a que pertence, mas escrito. Muitas das características da oralidade não estão presentes lá, como hesitações, preenchimentos de pausas para manutenção do turno (ééééé, aaaaaa), entre outras. Ler um chat é diferente de ler uma transcrição de uma fala espontânea. Muitas ocorrências frequentemente encontradas no chat não podem ser conferidas à oralidade. São recursos criados para o chat e típicos dele, como tc (teclar), vc (você), etc.

Os textos digitais agilizaram a comunicação escrita a distância, no entanto, não acreditamos que subverteram radicalmente a relação oralidade/escrita. Esse é um assunto que ainda carece de muita investigação.

O hipertexto também tem sido considerado como revolucionário em relação à **postura física do leitor**, uma vez que permite a abertura de muitas telas simultaneamente e, não sendo palpável, é responsável por uma mudança na forma de lidar fisicamente com o texto.

De fato, agora temos as duas mãos livres para interferir no texto, não temos mais de segurá-lo com as duas mãos como acontecia com o rolo. O codex, no entanto, também nos deixa com as mãos livres, caso apoiemos o livro sob uma mesa. Nesse caso, também temos as duas mãos livres para manuseá-lo, para mudarmos de uma página para outra, não necessariamente uma após a outra. Podemos, como no hipertexto, ir de uma parte a outra dando saltos, ou seja, seguindo a seqüência que mais nos interessa. Podemos, no hipertexto, abrir várias janelas de uma só vez, mas lemos uma de cada vez. Costumamos fazer o mesmo com o material impresso. Podemos abrir, ou deixar marcadas, várias páginas do livro ou abrir vários livros e ler a “todos de uma só vez”, mas conseguimos ler apenas cada hora um. O lado bom dessa história é que podemos, hoje, abrir um hipertexto e um texto impresso e trabalhar com os dois simultaneamente; podemos usar um mesmo aparelho para ler, escrever, ouvir música, ver fotografias, assistir filmes, visitar museus, enviar mensagens, conversar, desenhar, editar imagens, calcular, criar e acessar bancos de dados, e mais um monte de outras coisas.

O encanto não está no livro nem no computador, o encanto está na forma como os usamos e como nos relacionamos com eles. O encanto está no fato de que cada um tem

seu momento e sua mágica. Se antes as pessoas se encantavam com os livros, hoje elas podem se encantar com os livros, os CDs, os laptops, os palmtops, e outros.

Precisamos ponderar também sobre o grau de **atividade leitor** durante a leitura, ou seja, se o leitor é mais ativo quando lê um hipertexto digital, se se envolve mais com o texto, e se busca compreender mais os efeitos de sentido provocados pelas escolhas do autor do que quando lê um texto impresso. Não podemos afirmar isso sem fazer antes uma pesquisa que verifique e comprove essa afirmação. O grau de envolvimento do leitor com o texto não nos parece função apenas do formato, hipertextual ou não, mas, sobretudo, da curiosidade, do interesse pelo tópico do texto, dos seus objetivos de leitura, da sua capacidade de lidar com aquele gênero textual e com o nível de profundidade com que o assunto é tratado bem como com a linguagem usada no texto (muito técnica, para leigos, etc.). O trabalho do leitor, a forma e profundidade de sua relação com o texto vai obrigatoriamente variar em função do seu interesse naquela leitura e dos objetivos que propôs para ela. A leitura de um hipertexto parece exigir as mesmas atitudes e grau de envolvimento do leitor e estratégias de leitura muito semelhantes, tudo isso dependendo do que está lendo, com que finalidade e com que grau de interesse o leitor faz essa leitura.

O mesmo podemos dizer em relação à autonomia. È difícil dizer que o hipertexto vai fazer com que o leitor seja mais autônomo. Isso vai depender do hipertexto e do uso que se estiver fazendo dele. Talvez possamos dizer isso em relação à Internet, uma vez que ela disponibiliza e dá acesso fácil a uma vasta gama de informações. O uso constante da Internet parece favorecer o desenvolvimento da autonomia por estimular a busca de informações e a troca de opiniões, já que facilita o acesso. Mas conforme nos alerta Landow (1992), dar acesso a uma informação não significa que ela será necessariamente acessada.

Essa possibilidade de transitar em várias áreas de conhecimento nos remete ao tempo, na história, em que os grandes pensadores não eram especialistas em nada, mas refletiam com profundidade sobre as mais diversas “artes”. Entre eles, podemos citar o artista renascentista Leonardo da Vinci, por exemplo, que era um homem que pintava, inventava, descobria e que, portanto, contribuiu para a pintura (perspectivas), para a

medicina (anatomia), para a engenharia (roldanas, catapultas e outros mecanismos), entre muitos outros estudos.

O ensino formal, como o conhecemos hoje, é fragmentado e incute-se na cabeça dos estudantes que uma ciência não tem relação com as outras. Felizmente, com o advento da Internet os sujeitos parecem estar voltando a observar sob vários ângulos e lentes os fatos e os fenômenos.

Um último aspecto a considerar diz respeito à **orientação do leitor**, ou seja, é comum se dizer que o leitor do hipertexto digital fica perdido mais facilmente que o leitor de um texto impresso. É possível mesmo que a possibilidade de ele se perder no hipertexto seja maior, caso não seja disciplinado ou não tenha um objetivo claro de leitura. Por outro lado, podemos nos perder na leitura de textos impressos a ponto de termos a necessidade de recuperar a estrutura do texto consultando títulos e subtítulos, índices, entre outros elementos que ajudam a marcar a organização.

Quando o leitor de um hipertexto acessa uma página que não é a principal de um site, é muito provável que ele precise visitar outras partes do site até se localizar. Se abrimos um livro aleatoriamente numa página, é muito provável que tenhamos de voltar

O leitor precisa saber navegar também pelo texto impresso. Dicionários, enciclopédias, manuais, bulas, jornais, entre muitos outros textos exigem do leitor conhecimentos específicos de navegação.

algumas páginas ou pelo menos alguns parágrafos para compreendermos o que está escrito ali. Assim como o leitor do hipertexto, o leitor do texto impresso precisa se localizar no texto, precisa encontrar o contexto adequado para a leitura daquele trecho. A desorientação do leitor no hipertexto talvez seja um problema para aqueles que ainda não aprenderam a navegar ou ainda não dominam os mecanismos (técnicos) para fazer isso. Esse também não parece ser um rótulo justo para o hipertexto.

Salientamos aqui os aspectos que merecem discussão, indicando também em que pontos eles seriam polêmicos. Acreditamos que disso se pode concluir, principalmente, que muito ainda precisa e merece ser estudado em relação ao hipertexto.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979/1992.

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. In: Littera: Lingüística e literatura. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006 (no prelo)

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 1999.

CAFIERO, Delaine. *A construção da continuidade temática por crianças e adultos: compreensão de descrições definidas e de anáforas associativas*. Campinas: Instituto de estudos da linguagem da UNICAMP, 2002. (Tese de doutorado)

COSCARELLI, Carla Viana.(Org). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. *The Way We Think*. Cambridge University Press, 2001.

LANDOW, George P. *Hypertext 2.0*. Baltimore: Parallax, 1992.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: 34, 1990.

PINTO, Rosalvo Gonçalves. *Marcas textuais da coesão verbal*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2003. (Tese de doutorado)

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and cognition*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1986/1995.

van DIJK, T. *A Cognição, texto e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.